

# Rejeição do uso de camisinha por adolescentes: uma perspectiva a partir da zona muda das representações sociais

*Aversion of the use of condoms by adolescents: a perspective from the mute zone of the social representations*

Denise Rocha Correa Lannes\*

Luciano Luz Gonzaga\*\*

## Resumo

Após o aparecimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) e sua constituição enquanto epidemia generalizada, o uso da camisinha passou a ser recomendado como uma forma segura de prevenção à síndrome e a outras doenças sexualmente transmissíveis. Assim, neste artigo, a partir da análise prototípica e da definição do conceito de zona muda das representações sociais (ABRIC, 2003, 2005), utilizamos a técnica de substituição para revelar as representações escondidas ou mascaradas acerca do uso da camisinha em função de sua inadequação às normas sociais vigentes em um grupo de adolescentes escolares da periferia do estado do Rio de Janeiro. Nossos dados mostraram crenças normativas e contranormativas distintas entre os adolescentes dos sexos feminino e masculino quanto ao uso da camisinha. Para as meninas, identificamos a representação normativa do medo de engravidar e a representação contranormativa de que usar camisinha é “chato”, porque incomoda a pele. Em comparação aos meninos, identificamos a representação normativa do medo de contrair uma doença e a representação contranormativa de que usar camisinha é “ruim”, porque é desconfortável.

*Palavras-chave:* Adolescentes. Camisinha. Estudantes. Zona muda das representações.

## Abstract

After the appearance of Acquired Immunodeficiency Syndrome (Aids) and its constitution as a generalized epidemic, the use of condoms was recommended as a safe way to prevent the syndrome and other sexually transmitted diseases. Thus, in this article, from the prototypical analysis and the definition of the concept of the Mute Zone of the Social Representations (ABRIC, 2003, 2005), we use the substitution technique to reveal the hidden or masked representations due to their inadequacy to the social norms in force in a group of adolescents, from the State of Rio de Janeiro' periphery, about the use of condoms. Our data revealed distinct normative and counter-normative beliefs among the female and male adolescents about the use of the condom. For teenage girls, we have identified a normative representation of the fear of becoming pregnant and a counter-normative representation that using condoms is “annoying”, because it bothers the skin. In comparison to teenage boys, we have identified a normative representation of the fear of contracting a disease and a counter-normative representation that using a condom is “bad”, because it is uncomfortable.

*Keywords:* Condom. Mute zone of the representations. Students. Teenagers.

Recebido em 04/10/2017 – Aprovado em 31/01/2018

<http://dx.doi.org/10.5335/rep.v25i2.8174>

\* Doutora em Educação, Gestão e Difusão em Biociências. Professora associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação *Lato Sensu* - especialização em Ensino de Ciências e *Stricto Sensu* - Mestrado Profissional, da UFRJ. E-mail: lannesdenise@gmail.com

\*\* Doutorando e mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências, Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: gonzaga-luciano@ig.com.br

## A camisinha como objeto de representação social

Após o aparecimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) e sua constituição enquanto epidemia generalizada, o uso da camisinha passou a ser recomendado como uma forma segura de prevenção à síndrome e a outras doenças sexualmente transmissíveis (DSTs).

Para esse intento, as campanhas publicitárias acerca do uso da camisinha foram decisivas para a produção de diversos significados no imaginário social, principalmente no tocante à prática sexual segura, conforme Pinheiro, Calazans e Ayres:

[...] a promoção do uso de camisinha articula-se, numa historiografia dos conceitos operativos da prevenção da Aids, à superação da ideia de grupos de risco por uma concepção comportamentalista da prevenção, articulada em termos de comportamentos de risco versus práticas seguras (2013, p. 816).

Portanto, é dentro desse universo consensual, o qual é realizado pelo processo de objetivação e ancoragem,<sup>1</sup> que a camisinha deixa de ser um elemento desconhecido, mudando o comportamento e o modo de pensar de diferentes gerações, constituindo-se, por conseguinte, em um objeto de representação social.

Assim, partindo da premissa de que a camisinha tem sido a principal forma de prevenção contra DSTs e a gravidez indesejada, interessa-nos investigar o que os adolescentes efetivamente pensam sobre o uso da camisinha, visto que, segundo Oliveira e colaboradores, “os adolescentes representam um grupo vulnerável ao risco de infecção de HIV e outras DSTs” (2015, p. 1766).

## Adolescência e sexualidade: comportamento de risco?

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência compreende as idades entre os 10 e os 19 anos e configura uma etapa de transição da infância para a idade adulta (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2002).

Durante esta passagem ou transição, percebe-se que há entre os adolescentes uma urgente necessidade de viver “novas experiências, muitas vezes de forma impulsiva, como, por exemplo, o sexo desprotegido, que os torna vulneráveis à gravidez indesejada e precoce, além da exposição às doenças sexualmente transmissíveis” (PORTELA; ARAUJO, 2013, p. 14).

Oliveira e colaboradores (2015) acrescentam que nos últimos anos o aumento de contaminação pelo vírus HIV vem crescendo no Brasil, particularmente entre os adolescentes. Esse dado corrobora com a pesquisa realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância, ao divulgar que a Aids continua sendo a segunda causa de morte mundial de jovens na faixa etária entre 10 e 19 anos (UNICEF, 2017).

Outro dado preocupante é apresentado na pesquisa realizada por um grupo da Universidade Federal de Juiz de Fora: “mais de 50% dos adolescentes, mesmo tendo participado de práticas educativas, não conheciam os métodos anticoncepcionais existentes” (SANTOS et al., 2013, p. 115).

Dessa forma, torna-se premente identificar as representações normativas e contranormativas desse grupo social acerca do uso da camisinha, para que se possa planejar ações integradas entre saúde e educação.

No que tange à tentativa de entender como um grupo social pensa e age a respeito de um objeto, apropriamo-nos da Teoria das Representações Sociais, de Moscovici, uma vez que “as representações sociais têm a capacidade de criar e de estipular uma realidade denominando, objetivando noções e imagens, dirigindo as práticas materiais e simbólicas para esta realidade que lhes corresponde” (MOSCOVICI, 2003, p. 96).

Assim, as representações sociais “circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnados” (MOSCOVICI, 1978, p. 41).

## A Teoria das Representações Sociais

O conceito de representação social foi proposto no final dos anos 1960 pelo psicólogo Serge Moscovici, em seu trabalho intitulado *La psychanalyse: son image et son public*, para designar o tipo de fenômeno ao qual sua interpretação teórica se aplicava.

Tal trabalho marcou o estabelecimento de uma percepção inovadora a respeito da integração entre os fenômenos perceptivos individuais e sociais, bem como se tornou um marco na história da psicologia social. No entanto, segundo Arruda, o conceito das representações sociais “atravessa as ciências humanas e não é patrimônio de uma área particular” (2002, p. 128).

A Teoria das Representações Sociais foi desenvolvida a partir do conceito de representações coletivas, de Émile Durkheim, no qual as representações coletivas constituem fatos sociais reais e concretos, resultados de associações e ideias transmitidas e acumuladas pelas gerações (DURKHEIN, 1970).

Ao substituir o termo “coletivas” por “sociais”, Moscovici enfatiza a diversidade e o caráter dinâmico das representações que podem coexistir em um grupo social. O social, portanto, refere-se à dimensão que suporta a contradição, que é dialética, histórica e mutável.

Dessa forma, Moscovici define as representações sociais:

[...] [são sistemas] que têm uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações que assenta em valores e em conceitos. Um estilo de discurso que lhes é próprio. Não os consideramos como “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas como “teorias”, “ciências coletivas”, *sui generis*, destinadas à interpretação e à elaboração do real (1978, p. 50).

Partindo para um caráter mais conceitual, Denise Jodelet (2001) afirma que a representação social designa um fenômeno de produção dinâmica, cotidiana e informal de conhecimento, de um saber de senso comum de caráter eminentemente prático e orientado para a comunicação, a compreensão ou o domínio do ambiente social, material e ideal de um determinado grupo.

Outra característica importante sobre as representações sociais, que não pode deixar de ser mencionada, é seu caráter prescritivo, impondo-se sobre os indivíduos como uma espécie de força irresistível, incorporando estruturas de pensamento pré-existentes ao próprio sujeito (CADEVON, 1999).

Retomando a ideia de modelo figurativo proposta por Moscovici (apud SÁ, 2002), Abric, em 1976, elabora a Teoria do Núcleo Central, apresentada como complementar à Teoria das Representações Sociais, na qual defende a necessidade de trabalhar a ideia de centralidade na organização da representação social.

## A Teoria do Núcleo Central

A Teoria do Núcleo Central descreve que, para entender adequadamente as representações, não basta saber o seu conteúdo, é preciso também conhecer a organização interna dessas representações.

Dessa forma, baseia-se na ideia de que há um núcleo central constituído de cognemas que definirão a possível identidade e/ou crença de um grupo social, bem como um sistema periférico que dará mobilidade e flexibilidade ao sistema representacional, regulando e adaptando o sistema central às necessidades cotidianas do grupo (ABRIC, 2003; POLLI; WACHELKE, 2013).

Sá esclarece que a representação social é regida por um sistema interno duplo formado por um núcleo central ao qual são atribuídas as seguintes características:

1. é marcado pela memória coletiva, refletindo as condições socio-históricas e os valores do grupo;
2. constitui a base comum, consensual, coletivamente partilhada das representações, definindo a homogeneidade do grupo social;
3. é estável, coerente, resistente à mudança, assegurando assim a continuidade e a permanência da representação;
4. é relativamente pouco sensível ao contexto social e material imediato no qual a representação se manifesta. Suas funções são gerar o significado básico da representação e determinar a organização global de todos os elementos (1996, p. 22).

Existe também um sistema periférico, constituído pelos demais elementos da representação com as seguintes características:

1. permite a integração das experiências e histórias individuais; 2. suporta a heterogeneidade do grupo e as contradições; 3. é evolutivo e sensível ao contexto imediato. Sintetizando, suas funções consistem, em termos atuais e cotidianos, na adaptação à realidade concreta e na diferenciação do conteúdo da representação e, em termos históricos, na proteção do sistema central (SÁ, 1996, p. 22).

Assim, o presente trabalho utiliza-se desse aporte teórico para identificar as representações normativas e contranormativas de estudantes com relação ao uso da camisinha na prática sexual.

Esclarecemos, no entanto, que, com esses apontamentos, não pretendemos encerrar a discussão sobre tão amplo e complexo objeto de estudo, mas fornecer alguns elementos para análises futuras mais aprofundadas.

## Metodologia

### Considerações éticas

A pesquisa foi desenvolvida de acordo com os procedimentos éticos preconizados pela Resolução nº 196, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996). Foi solicitada a concordância da equipe diretiva da unidade escolar e dos participantes do estudo que, por sua vez, receberam um termo de consentimento livre e esclarecido, para que os seus respectivos responsáveis assinassem autorizando a participação dos estudantes.

É importante informar que aos alunos participantes da pesquisa foram explicitados os objetivos do estudo e o seu caráter sigiloso e voluntário, salientando que, a qualquer momento, a participação poderia ser interrompida.

### Procedimentos metodológicos

Trata-se de um estudo quantitativo-descritivo, pautado na abordagem estrutural da Teoria das Representações Sociais, como é apresentada por Abric (2003).

Com o objetivo de caracterizarmos melhor a nossa amostra composta por 68 estudantes de uma escola pública da Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro, aplicamos um questionário estruturado solicitando as seguintes informações: idade, orientação sexual e orientação religiosa.

Para proceder à coleta e à análise de dados da representação normativa e contranormativa, foi escolhido o Teste de Associação Livre de Palavras (Talp), cuja

técnica permite ao sujeito falar e escrever vocábulos que lhe venham à mente, em um pequeno espaço de tempo, após ser estimulado por uma palavra ou uma expressão indutora que caracteriza o objeto de estudo (SÁ, 2002).

A análise e o tratamento dos dados obtidos pelo Talp foram realizados com auxílio do *software* Evocation 2000 (VERGÈS, 2002), que, a partir da frequência da ordem das palavras evocadas e da prevalência em que foram citadas, permitiu identificar os blocos de palavras centrais e periféricos das representações sociais de estudantes dos sexos feminino e masculino sobre a expressão indutora “Usar camisinha é...”.

Acerca da coocorrência entre os elementos constituintes da representação, foram selecionadas as palavras com frequência mínima de seis citações, evocadas por três ou mais respondentes, constituindo, portanto, uma representatividade mínima de 10%, entre os 34 respondentes de cada sexo biológico.

Para identificar a zona muda das representações sociais (ABRIC, 2005), apropriamo-nos da técnica da substituição, que se “baseia na idéia de que um sujeito poderá exprimir representações proibidas ao seu grupo atribuindo-as a outros, isto é, falando por outros, que não si mesmo” (MENIN, 2006, p. 44).

Assim, solicitamos aos respondentes que evocassem novamente as seis palavras que completassem a expressão indutora “Usar camisinha é...”, com a ressalva de que, nesta etapa, se passassem por um(a) amigo(a).

Portanto, a zona muda das representações sociais corresponde a “espaços de representações que, embora sejam comuns a um determinado grupo e nele partilhadas, não se revelam facilmente nos discursos diários [...], pois são consideradas como não adequadas em relação às normas sociais vigentes” (MENIN, 2006, p. 43).

## Revelando os resultados

Dos 127 estudantes que frequentavam a unidade escolar no turno matutino, participaram 68 discentes do ensino médio (53,5%), dos quais 34 pertenciam ao sexo masculino e 34 ao feminino, compondo, portanto, a nossa amostra.

A idade dos participantes variou de 15 a 18 anos (Média = 16,5; Desvio Padrão = 1,1), e eram todos solteiros. 53% identificam-se como católicos; 34%, como evangélicos; 11%, como espíritas; e 2% não souberam ou não quiseram responder.

Do total de respondentes (53,5%), apenas 3,5% se definiram como homossexuais ou bissexuais, corroborando com Fazano, Ribeiro e Prado, que sugerem que “muitos adolescentes homossexuais são forçados a se tornarem invisíveis nos espaços escolares e na família” (2011, p. 69). Provavelmente, é reflexo de receio da rejeição familiar ou de ataques homofóbicos, cada vez mais recorrentes na periferia do estado do Rio de Janeiro (O DIA, 2012).

A unidade escolar na qual foi realizada esta pesquisa localiza-se em um bairro dormitório do município de Nova Iguaçu, região da Baixada Fluminense, distante 37,8 km da capital do Rio de Janeiro.

## Estrutura da representação social dos adolescentes de ambos os sexos sobre o uso da camisinha dentro do contexto normativo

Para a situação habitual de aplicação do Talp, em que todos os adolescentes, independentemente do sexo biológico, produziram as seis palavras ao termo indutor “Usar camisinha é...”, constatamos um conjunto de cognemas centrais comumente propagados nas mídias sociais, nos espaços escolares e nos conteúdos curriculares (Quadro 1).

Quadro 1 – Possíveis elementos constituintes dos núcleos central e periféricos da representação social normativa acerca do uso da camisinha entre todos os escolares do ensino médio, de uma escola pública da Baixada Fluminense, RJ

Alta Frequência	f ≥ 20	Grande Força de Evocação			Pequena Força de Evocação		
			f	OME < 3,5		f	OME ≥ 3,5
		Proteção Prevenção	54 52	2,67 2,17	Necessário	38	3,71
Baixa Frequência	f < 20	Bom Doenças Incomodo	19 16 15	3,47 3,25 3,07	Gravidez Cuidado Importante	17 16 15	3,59 3,62 4,87

No quadro, f é a frequência simples de evocação. A mediana da Frequência de Evocações é igual a 20. A média da Ordem Média de Evocações (OME) é igual a 3,5. As evocações com frequência menor que 15 foram desprezadas. A força está associada à prevalência na evocação, em que a palavra citada na primeira posição tem força maior (igual a um) do que a citada na segunda posição (força igual a dois), assim sucessivamente. Portanto, quanto menor o valor da OME maior é a força de evocação.

Fonte: elaboração dos autores.

Observamos que o núcleo central (Quadro 1, quadrante superior esquerdo) tem uma representação que, *a priori*, sugere que a camisinha parece cumprir o seu papel social no que se refere ao efeito de proteger contra algo ou de se antecipar às consequências indesejadas.

Com forte tendência à centralidade, notamos a presença do elemento “necessário” (Quadro 1, núcleo periférico limítrofe (NPL), quadrante superior direito), sugerindo a possibilidade de vir a constituir representação quanto ao uso da camisinha como prática essencial ou indispensável.

É interessante perceber que na periferia externa da representação, núcleo periférico externo (NPE) (Quadro 1, quadrante inferior direito), cujos elementos

expressam as pressões fortuitamente impostas pela realidade do grupo, encontramos uma representação discursiva que reforça a importância do uso da camisinha para prevenção à gravidez.

Talvez tal representação esteja relacionada ao fato de que a “gravidez entre jovens de 15 a 19 anos [de idade] vem crescendo a cada ano, passando a ser considerada, atualmente, no Brasil [...] como um problema de saúde pública” (FERREIRA, et al., 2012, p. 189).

No que tange à periferia interna da representação (Quadro 1, quadrante inferior esquerdo), é formada por elementos muito importantes, mas relevante para poucas pessoas (baixa frequência, mas grande força de evocação). Aparece, neste pequeno grupo, uma representação na qual usar camisinha é “bom”, porque impede a contaminação por “doenças”, porém “incomoda”.

Dessa forma, tendo um grupo amostral formado por adolescentes dos sexos masculino e feminino, essas representações sociais seriam distintas acerca do uso da camisinha?

## Estrutura da representação social das adolescentes e dos adolescentes acerca do uso da camisinha dentro do contexto normativo

Ao analisarmos detidamente o núcleo central da representação social das adolescentes (Quadro 2) e dos adolescentes (Quadro 3) da nossa pesquisa, notamos uma certa similaridade, o que poderia sugerir que ambos os sexos têm as mesmas representações sobre o mesmo objeto da representação social.

Quadro 2 – Possíveis elementos constituintes dos núcleos central e periféricos da representação social normativa acerca do uso da camisinha entre as estudantes do ensino médio, de uma escola pública da Baixada Fluminense, RJ

Alta Frequência	f ≥ 10	Grande Força de Evocação			Pequena Força de Evocação		
			f	OME < 3,5		f	OME ≥ 3,5
		Proteção	26	2,35	Necessário	15	3,73
		Prevenção	22	2,23	Gravidez	13	4,15
					Doenças	12	3,64
					Incômodo	11	3,73
Baixa Frequência	f < 10	Ruim	8	2,37	Bom	10	3,67

No quadro, f é a frequência simples de evocação. A mediana da Frequência de Evocações é igual a 10. A média da OME é igual a 3,5. As evocações com frequência menor que 8 foram desprezadas. A força está associada à prevalência na evocação, em que a palavra citada na primeira posição tem força maior (igual a um) do que a citada na segunda posição (força igual a dois), assim sucessivamente. Portanto, quanto menor o valor da OME maior é a força de evocação.

Fonte: elaboração dos autores.

Quadro 3 – Possíveis elementos constituintes dos núcleos central e periféricos da representação social normativa acerca do uso da camisinha entre os estudantes do ensino médio, de uma escola pública da Baixada Fluminense, RJ

Alta Frequência	f ≥ 10	Grande Força de Evocação			Pequena Força de Evocação				
			f	OME < 3,5		f	OME ≥ 3,5		
Baixa Frequência	f < 10	Doença	7	3,29	Responsabilidade	10	3,67		
		Incômodo	6	2,71					
		Cuidado	6	3,12					
		Desconfortável	6	2,00					
Alta Frequência	f ≥ 10	Proteção	32	2,47	Necessário Importante Bom	23	3,78		
		Prevenção	24	2,71				11	3,54

No quadro, f é a frequência simples de evocação. A mediana da Frequência de Evocações é igual a 10. A média da OME é igual a 3,5. As evocações com frequência menor que 6 foram desprezadas. A força está associada à prevalência na evocação, em que a palavra citada na primeira posição tem força maior (igual a um) do que a citada na segunda posição (força igual a dois), assim sucessivamente. Portanto, quanto menor o valor da OME maior é a força de evocação.

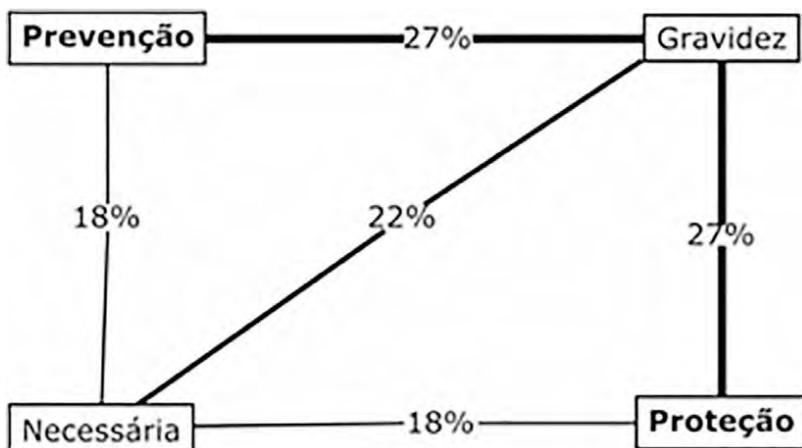
Fonte: elaboração dos autores.

No entanto, Abric declara que dois conteúdos idênticos podem corresponder a duas representações sociais diferentes e acrescenta que:

[...] para que duas representações sejam diferentes, elas devem ser organizadas em torno de dois núcleos diferentes. A identificação do conteúdo de uma representação não seria suficiente para se conhecê-la e defini-la; a organização que é essencial: duas representações podem ter o mesmo conteúdo e, entretanto, ser radicalmente diferentes, se a organização desse conteúdo for diferente. Duas representações serão consideradas idênticas se forem organizadas em torno de um mesmo núcleo central, mesmo se o conteúdo for extremamente diferente (2003, p. 38).

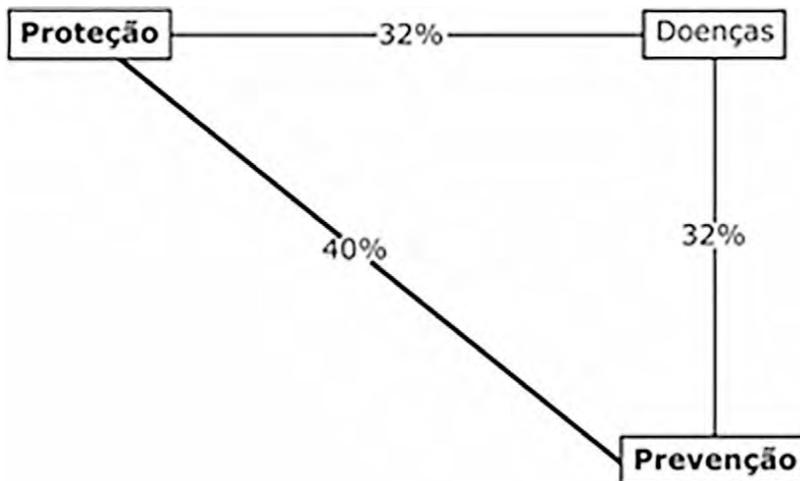
Assim, para este intento, apropriamo-nos da análise de similitude – as coocorrências –, a fim de visualizar a estrutura da representação social, mostrando quanto e como os cognemas do núcleo central se articulam com os demais elementos evocados na representação (Figuras 1 e 2).

Figura 1 – Árvore máxima de similitude da representação normativa acerca do uso da camisinha pelas adolescentes de uma escola pública, da Baixada Fluminense, RJ



Fonte: elaboração dos autores.

Figura 2 – Árvore máxima de similitude da representação normativa acerca do uso da camisinha pelos adolescentes de uma escola pública, da Baixada Fluminense, RJ



Fonte: elaboração dos autores.

É importante destacar, a partir dos grafos de coocorrência (Figuras 1 e 2), que “prevenção” e “proteção” (que aparecem nas duas representações), para o grupo de adolescentes do sexo feminino, restringe-se ao receio de uma gravidez indesejada; enquanto que, para o grupo de adolescentes do sexo masculino, corresponde ao medo de contrair uma doença.

Dessa forma, a representação feminina e normativa quanto ao uso da camisinha vem ao encontro da pesquisa realizada por Fiedler, Araújo e Caetano de Souza (2015, p. 32), que, dentre as alegações de uma gravidez inesperada, destaca “a importância de prevenir a gravidez para propiciar maiores oportunidades de um futuro melhor, de emprego e continuidade dos estudos” (2015, p. 32).

Um dado que causa certa surpresa é que a “gravidez” não aparece nas representações dos meninos. Talvez, no pensamento coletivo desse grupo, tal fato seja um problema específico e próprio das mulheres (GONDIM LEITE et al., 2014).

Nos dados apresentados até o momento, as representações sociais acerca do uso da camisinha, pelos adolescentes deste estudo, mostram uma crença adequada, socialmente aceita e partilhada.

Entretanto, considerando que o objeto representacional da nossa pesquisa é frágil em relação às normas sociais, até que ponto o que os adolescentes responderam no teste de evocação livre de palavras corresponde exatamente ao que pensam?

Assim, interessa-nos identificar a representação que se encontra mascarada ou escondida pelos respondentes, isto é, identificar a zona muda das representações.

## Estrutura da representação social das adolescentes e dos adolescentes acerca do uso da camisinha dentro do contexto contranormativo

Em situação de substituição, verificamos que o conjunto de cognemas do núcleo central da representação social (Quadro 4, quadrante superior a esquerda), destacado pelo grupo de adolescentes do sexo feminino acerca do uso da camisinha, é formado pelas seguintes evocações: “chato”, “nojento” e “prevenção”.

Embora o grupo reconheça a importância da camisinha no processo de prevenção, o seu uso é considerado irritante e, ao mesmo tempo, repulsivo.

Quadro 4 – Possíveis elementos constituintes dos núcleos central e periféricos da representação social contranormativa, acerca do uso da camisinha entre as estudantes do ensino médio, de uma escola pública da Baixada Fluminense, RJ

		Grande Força de Evocação			Pequena Força de Evocação		
			f	OME < 3,5		f	OME ≥ 3,5
Alta Frequência	f ≥ 10						
		Chato	12	2,25	Ruim	18	3,72
		Nojento	11	2,09			
Prevenção	10	3,00					
Baixa Frequência	f < 10	Desconfortável	9	3,00	Incômodo	8	3,50
		Desnecessário	9	2,56	Responsabilidade	7	3,86
					Gostoso	7	4,14
					Horrível	6	4,50

No quadro, f é a frequência simples de evocação. A mediana da Frequência de Evocações é igual a 10. A média da OME é igual a 3,5. As evocações com frequência menor que 6 foram desprezadas. A força está associada à prevalência na evocação, em que a palavra citada na primeira posição tem força maior (igual a um) do que a citada na segunda posição (força igual a dois), assim sucessivamente. Portanto, quanto menor o valor da OME maior é a força de evocação.

Fonte: elaboração dos autores.

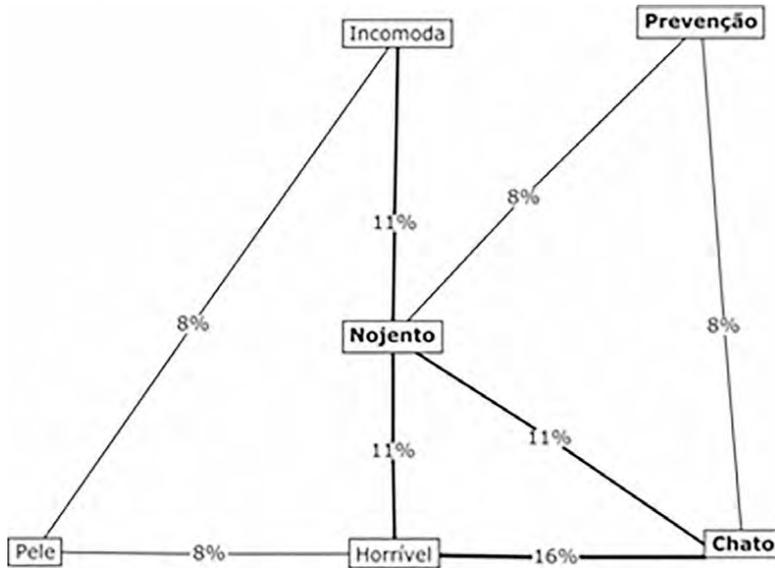
No quadrante da periferia limítrofe (Quadro 4, quadrante superior a direita), com forte tendência à centralidade, encontra-se a evocação “ruim”, o que reforça a ideia de que usar a camisinha é, de fato, desagradável.

Na periferia externa da representação (Quadro 4, quadrante inferior a direita), em que surgem os elementos que protegem o núcleo central, podemos verificar um discurso de blindagem conflituoso e incongruente, quando relaciona “responsabilidade” à evocações contraditórias, tais como “gostoso” e “horrível”.

Em relação ao subgrupo representado na periferia interna (Quadro 4, quadrante inferior a direita), o não usar a camisinha é bem explícito, uma vez que especifica a sua dispensa por causa do desconforto.

Ao analisar o gráfico que apresenta a centralidade e a conectividade dos diversos elementos da representação (Figura 3), verificamos que, para o grupo formado pelas adolescentes deste estudo, a utilização da camisinha é necessária, porém é “nojenta”, “horrível” e “chata”, porque “incomoda” a “pele”.

Figura 3 – Árvore máxima de similitude da representação contranormativa acerca do uso da camisinha pelas adolescentes de uma escola pública, da Baixada Fluminense, RJ



Fonte: elaboração dos autores.

No que diz respeito à representação contranormativa dos adolescentes, verificamos um núcleo central bem contundente no aspecto aversivo em relação ao uso da camisinha (Quadro 5, quadrante superior a esquerda).

Quadro 5 – Possíveis elementos constituintes dos núcleos central e periféricos da representação social contranormativa, acerca do uso da camisinha entre os estudantes do ensino médio, de uma escola pública da Baixada Fluminense, RJ

		Grande Força de Evocação			Pequena Força de Evocação		
			f	OME < 3,5		f	OME ≥ 3,5
Alta Frequência	f ≥ 10	Ruim	12	2,33	Incômodo	8	3,75
		Desconfortável	11	3,25			
		Chato	10	2,79			
		Desnecessário	10	1,62			
Baixa Frequência	f < 10	Responsabilidade	9	1,80	Prevenção	7	4,14
			9		Bom	6	4,17
					Doenças	5	4,40
					Necessário	5	3,80

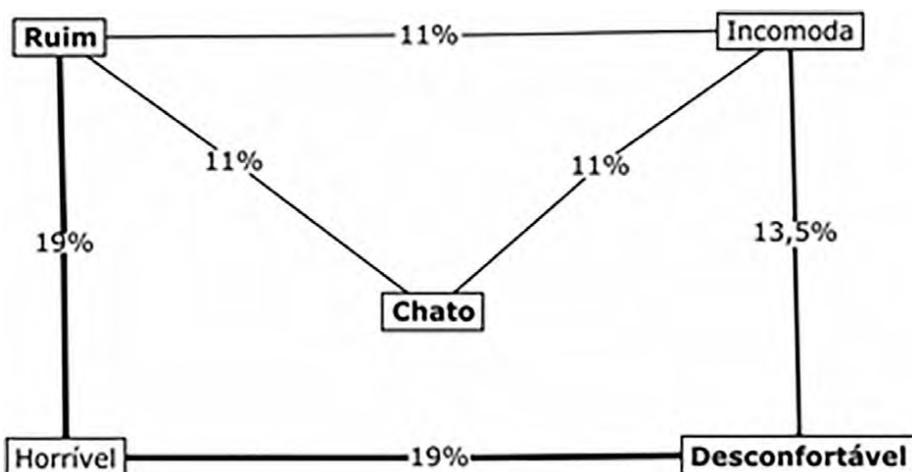
No quadro, f é a frequência simples de evocação. A mediana da Frequência de Evocações é igual a 8. A média da OME é igual a 3,5. As evocações com frequência menor que 5 foram desprezadas. A força está associada à prevalência na evocação, em que a palavra citada na primeira posição tem força maior (igual a um) do que a citada na segunda posição (força igual a dois), assim sucessivamente. Portanto, quanto menor o valor da OME maior é a força de evocação.

Fonte: elaboração dos autores.

O que nos impressiona nessa representação contranormativa dos meninos é a efetiva blindagem discursiva demonstrada na periferia propriamente dita (Quadro 5, quadrante inferior direito), quando se refere ao fato de que usar camisinha é algo positivo, porque previne contra doenças, protegendo efetivamente a crença contrária do grupo.

No que tange à análise de similitude (Figura 4), observamos uma conexidade de palavras que dão à centralidade da representação um sentimento de desprezo e total reprovação ao uso da camisinha.

Figura 4 – Árvore máxima de similitude da representação contranormativa acerca do uso da camisinha pelos adolescentes de uma escola pública, da Baixada Fluminense, RJ



Fonte: elaboração dos autores.

Assim, ao analisarmos as representações sociais acerca do uso da camisinha pelos(as) adolescentes do nosso estudo, podemos deduzir que há uma distinta e clara diferença entre ser aceito pela sociedade e, portanto, não correr o risco de ser marginalizado, como vimos nas representações normativas; diferentemente do que observamos nas representações contranormativas, ao assinalarmos que, na intimidade da prática sexual desses(as) adolescentes, tais códigos e regras não precisam ser cumpridos.

## Considerações finais

A realização deste estudo permitiu conhecer um pouco mais sobre o universo consensual do uso da camisinha entre adolescentes escolares da periferia do estado do Rio de Janeiro.

Embora este trabalho seja um estudo de caso, o que não permite fazer generalizações, tem grande relevância, pois apresenta um recorte de como os(as) adolescentes internalizam o uso da camisinha como objeto de repúdio, tornando-se jovens vulneráveis às doenças sexualmente transmissíveis e genitores precoces.

A camisinha, na década de 1980, representou um meio de proteção em função da alta mortalidade causada pelo vírus HIV. Na atualidade, com a melhora na qualidade de vida das pessoas soropositivas e, portanto, sem a alusão à morte, retoma o *status* de “tira prazer”.

Os dados deste trabalho, embora incipientes, reforçam a importância imediata de investimentos na educação sexual dos adolescentes.

É preciso que as campanhas de prevenção sejam contínuas, com discurso amplo, claro e aberto acerca do uso da camisinha, promovendo a reflexão sobre o enfrentamento da discriminação.

Torna-se, então, imprescindível uma articulação entre educadores e profissionais de saúde na implementação de ações voltadas para o conhecimento de uma prática sexual responsável e segura.

## Nota

<sup>1</sup> A objetivação é o processo que torna concreto e familiar o que é abstrato e desconhecido, enquanto que a ancoragem diz respeito ao enraizamento social da representação. Sua função é realizar a integração cognitiva do objeto representado num sistema de pensamento preexistente.

## Referências

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, P. H.; LOUREIRO, M. C. S. *Representações sociais e práticas educativas*. Goiânia: UCG, 2003. p. 37-57.

\_\_\_\_\_. A zona muda das representações sociais. In: OLIVEIRA, D. C.; CAMPOS, P. H. *Representações sociais: uma teoria sem fronteiras*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. (Coleção Memória Social). p. 23-34.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.

CADEVON, N. R. As representações sociais dos universitários sobre o trabalho. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 23, Foz do Iguaçu. *Anais...* Foz do Iguaçu: Anpad, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP. Resolução nº 196, de 1996. Disponível em: <[http://conselho.saude.gov.br/web\\_comissoes/conep/arquivos/resolucoes/23\\_out\\_versao\\_final\\_196\\_encep2012.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/arquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_encep2012.pdf)>. Acesso em: 05 nov. 2017.

DURKHEIN, E. *Sociologia e Filosofia*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Forense, 1970.

FAZANO, L. C.; RIBEIRO, A. I. M.; PRADO, V. M. Homofobia na escola: o discurso indiferente ao aluno diferente. *Revista de Psicologia da Unesp*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 65-72, 2011.

FERREIRA C. L. et al. Repetição de gravidez na adolescência: estudos sobre a prática contraceptiva em adolescentes. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 188-204, 2012.

FIEDLER, W. M.; ARAÚJO, A.; CAETANO DE SOUZA, M. C. A prevenção da gravidez na adolescência na visão de adolescentes. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 24, p. 30-37, jan./mar. 2015.

GONDIM LEITE, M. et al. Sentimentos advindos da maternidade: revelações de um grupo de gestantes. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 19, p. 115-124, jan./mar. 2014.

JODELET, D. *Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

O DIA. *Ataques violentos matam um travesti por dia na Baixada Fluminense*. 2012. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/portal/rio/ataques-violentos-matamum-travesti-por-dia-na-baixada-1.423677>>. Acesso em: 26 maio 2014.

MENIN, M. S. de S. Representação social e estereótipo: a zona muda das representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 22, n. 1, p. 43-52, jan./abr. 2006.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. Representações sociais: investigações em psicologia social. In: NEIVA, S. F. (Org.). *O fenômeno das representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 29-110.

OLIVEIRA, L. F. R. et al. Adesão de adolescentes à camisinha masculina. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 1765-1773, jan./mar. 2015.

PINHEIRO, T. F.; CALAZANS, G. J.; AYRES, J. R. C. M. Uso de camisinha no Brasil: um olhar sobre a produção acadêmica da prevenção de HIV/aids (2007-2011). *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 3, p. 815-836, 2013.

POLLI, G. M.; WACHELKE, J. Confirmação de centralidade das representações sociais pela análise gráfica do questionário de caracterização. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 1, p. 97-104, 2013.

PORTELA, N. L. C.; ARAUJO, L. P. Conhecimento e prática dos métodos contraceptivos por estudantes adolescentes: um estudo comparativo. *Revista Univap*, São José dos Campos, v. 19, n. 33, p. 13-24, set. 2013.

SÁ, C. P. Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 3, p. 19-33, 1996.

\_\_\_\_\_. *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SANTOS, S. M. dos R. et al. Atividades sexuais e uso do preservativo por escolares adolescentes. *Interações*, Campo Grande, MS, v. 25, p. 113-124, 2013.

UNICEF. *Statistical Update on Children and AIDS*. 2017. Disponível em: <<https://reliefweb.int/report/world/2017-unicef-statistical-update-children-and-aids>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

VERGÈS, P. *Conjunto de programas que permitem a análise de evocações: EVOC*: manual. Versão 5. Aix en Provence: [s. n.], 2002.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Adolescent Friendly Health Services – an agenda for change*. Geneva: WHO, 2002. Disponível em: <[http://www.who.int/maternal\\_child\\_adolescent/documents/fch\\_cah\\_02\\_14/em/](http://www.who.int/maternal_child_adolescent/documents/fch_cah_02_14/em/)>. Acesso em: 10 dez. 2017.